ESPECIAL: FUTURO

CIDADES NO FUTURO

As cidades desempenharam ao longo da história um papel crucial no desenvolvimento econômico e cultural. No Brasil contemporâneo, o Estado tem o grande desafio de promover a atratividade das cidades e preveni-las contra a emergência de problemas urbanos correntes e futuros

POR VLADIMIR FERNANDES MACIEL

Se lhe fosse perguntado onde você acha que sua empresa estará em uma dezena de anos, é provável que pensasse em respostas como: “atuando entre as 10% maiores do ramo” ou “fechando contratos de exportação no valor de tantos milhões de dólares”. Porém, uma resposta mais simples seria a cidade onde você acha que sua empresa estará em um futuro próximo.

Essa última resposta nos leva a pensar sobre o futuro das grandes cidades, particularmente no Brasil. No século passado, em 50 anos, de 1930 a 1980, observamos elevado crescimento industrial e da população urbana, em velocidade e intensidade que deixaram seqüelas até hoje. Que tipo de cidades queremos para o final da segunda década do século XXI? Serão elas viáveis para os negócios? E para a qualidade de vida?

VANTAGENS DAS CIDADES. Se entendermos a cidade como uma aglomeração de população e

de empresas, veremos ao longo da história que, de alguma forma, elas foram sempre importantes referências políticas e econômicas: cidades-estados gregas, a cidade imperial de Roma, as cidades-repúblicas de Veneza e Gênova na transição da Idade Média para a Moderna, e, mais recentemente, sob o regime capitalista, Londres, Tóquio, Paris, Nova York, Buenos Aires, Cidade do México, São Paulo e Rio de Janeiro.

A aglomeração é uma vantagem desde que haja dois princípios sem os quais o mundo não seria o que é hoje. O primeiro é o custo de transporte. Mover-se no espaço é gastar energia, e consumo de energia é custo. A proximidade de consumidores e fornecedores, portanto, é uma questão estratégica. O segundo elemento é a existência de ganhos de escala (economias de escala), na forma de ganhos de produtividade e redução de custo unitário de produção em uma série de segmentos industriais e de serviços. Isso implica que a produção concentrada é, em muitas situações, mais

vantajosa do que a produção dispersa. Enquanto isso prevalecer, as aglomerações urbanas continuarão importantes do ponto de vista econômico.

CIDADES E EMPRESAS. Se tamanho e proximidade importam, onde então sua empresa deve ficar? Nas cidades grandes ou nas cidades médias? Para responder à questão, é preciso saber qual tipo de produto ou serviço é ofertado. Em geral, novos segmentos, ainda em busca da tecnologia mais adequada ou dependentes de capitais intangíveis (como criatividade), devem se instalar nas grandes cidades, pois é nelas que a massa da população permite a circulação quase sem custo de novos conhecimentos e de informação inovadora. A presença de diversos setores econômicos gera efeitos indiretos de complementaridade, e a diversidade garante “acesso ao novo”. São as chamadas “externalidades da diversidade” ou “externalidades jacobinas” – em homenagem à cientista social Jane Jacobs, pioneira no estudo das grandes cidades. Outro fato favorável é que, graças à tecnologia de comunicação, as grandes cidades são mais fortemente conectadas entre si, o que garante a troca mais intensa de conhecimento.

Por outro lado, a grande cidade é cara. A terra urbana é cara, os custos de deslocamento são elevados, os gêneros de primeira necessidade são mais caros etc. Por isso, quando o processo produtivo é consolidado ou tradicional, a tendência das empresas é mudarem a manufatura para o interior ou para outros países. No entanto, o fenômeno recente é que a sedes das empresas continuam nas grandes cidades, usufruindo dos benefícios mencionados.

E quais as vantagens das cidades médias que receberam setores produtivos mais tradicionais ou mais consolidados? Em geral, elas possuem especialização setorial, e isso é muito importante para viabilizar a escala da produção. Em outras palavras, as cidades médias teriam um mercado de trabalho robusto (com mão-de-obra especializada), presença de fornecedores de insumos e dos serviços necessários ao processo produtivo, e, finalmente, a disseminação tácita de conhecimento e de inovações na produção. No futebol de sábado à tarde entre operários e engenheiros, pequenas inovações são difundidas. Os economistas chamam isso de “externalidades marshallianas”, homenageando Alfred Marshall, que percebeu isso no final do século XIX, ao estudar cidades como Manchester e Liverpool, na Inglaterra.

Como pensar então nos desafios do Estado para garantir que a força de atração das cidades se mantenha sem induzir a maiores problemas no futuro? Como pensar nas cidades brasileiras, que já possuem certo grau de maturidade, mas que ainda carecem de soluções básicas? A resposta é difícil, mas podemos elencar algumas pistas.

PASSADO. Política pública importa? Muito. A história de Roma mostra como uma cidade, sede do Império, foi capaz de ruir devido à ausência de recursos necessários para manter, as políticas públicas e a provisão e manutenção de infra-estrutura adequada.

Roma chegou a ter 1 milhão de habitantes, sistemas de captação e distribuição de água, sistema de coleta e destinação de esgoto, edifícios de até seis andares, operação de rodízio (“horário de

pico”) proibindo a circulação de animais e carroças nas áreas centrais, em certos horários. Com a decadência do Império e a escassez de recursos estatais, Roma se tornou um caos, violenta e insegura, congestionada e depreciada. Resultado: o seu esvaziamento e a volta de milhares de pessoas ao campo.

PRESENTE. O desafio das grandes metrópoles brasileiras é reverter o quadro caótico que predomina em algumas áreas e que estão ligados de alguma forma ao uso e à ocupação do solo urbano, como congestionamento e acessibilidade; habitação; saneamento básico; meio ambiente e criminalidade. Todos esses problemas são forças de expulsão e de perda de competitividade econômica das cidades. Cabe lembrar que esses problemas, antes exclusivos das capitais, apresentam-se também nas cidades médias. As dificuldades atuais passam não apenas por recursos financeiros, mas pela capacitação dos quadros da burocracia estatal e pela superação dos antagonismos de interesses políticos.

Na esfera administrativa, muitos dos problemas ultrapassam o raio de atuação do município, sendo de âmbito metropolitano ou regional. Isso se torna uma dificuldade, pois não é prevista uma esfera de governo entre municípios e estados.

FUTURO. A solução não passará apenas pelo “velho” planejamento urbano. Num democracia, as soluções devem contemplar o atendimento das demandas da sociedade. Isso implica que

o Estado deve ouvir esta última na formulação e implantação das políticas públicas. Ademais, não se esperam soluções únicas, mas o estabelecimento de desenhos inovadores, como parcerias público-privadas e outras práticas de gestão mais modernas e flexíveis. Nesse sentido, a definição de marcos regulatórios e de formas de relacionamento entre o poder estatal e suas esferas, e entre ele e o setor privado, serão cruciais.

As políticas públicas deverão incorporar não apenas uma previsão dos impactos causados, mas ser constantemente alvo de avaliação e de correção de rumos. Não temos o hábito de estudar o que aconteceu depois, e de mensurar os custos e benefícios efetivos, para decidir continuar ou não. Isso, no entanto, não significará interromper o que o sucessor fez, mas garantir a continuidade (das boas políticas, é claro) com qualidade.

Além da provisão de infra-estrutura, será preciso criar incentivos a determinadas práticas, e isso requer enfrentamentos. Por exemplo, a solução do congestionamento passará não apenas pela oferta de transportes públicos de qualidade, mas pelo encarecimento do uso do transporte individual frente ao coletivo. Taxas e pedágios urbanos terão que existir. A questão é amarrar essa fonte de recursos aos investimentos na manutenção e na ampliação da rede pública.

O que queremos para o futuro? Cidades que permitam o bem-estar material e a sensação de que escolhemos o lugar certo para os nossos negócios e para criar nossos filhos, sem a oposição entre uma coisa e outra. ✕

VLADIMIR FERNANDES MACIEL, Professor de Economia e pesquisador do Mackenzie, vfmaciел.consult@gmail.com